



H O S P I T A L D E
SANTAMARIA

Palavras com saber e com sabor.
Palavras da Professora Doutora Maria
Luísa Figueira

Carlos Gamito
carlos.gamito@hsm.min-saude.pt





Foi num canicular fim de tarde do mês de Maio que partimos em direcção ao consultório da Professora Doutora Maria Luísa Figueira.

Já com o Sol a deixar transparecer alguma sonolência, o azul do céu mostrava-se ainda salpicado por alguns dos raios debruados a ouro desprendidos pelo Astro-Rei. São aqueles filamentos dourados que enquanto se espreguiçam emprestam um tom dantesco mas simultaneamente belo à linha do Universo.

Chegados ao consultório da Senhora Professora, esperava-nos uma sala povoada pelo verde das muitas plantas que ornamentam o aprazível espaço onde esta Médica especialista em Psiquiatria atende os seus pacientes.

Com palavras recortadas pelo saber e trajadas com o perfil da elegância, a Professora Maria Luísa Figueira proporcionou-nos duas saborosas horas de conversa que nos permitiram descobrir a Mulher, a Médica, a Docente.

Os primeiros degraus de uma longa escadaria académica foram subidos com o aroma das orquídeas que embelezam o Funchal

Natural do emblemático Jardim do Atlântico – Ilha da Madeira – mais exactamente da florida cidade do Funchal, a então menina Maria Luísa concluiu com distinção o curso liceal no Liceu Nacional do Funchal.

Aluna aplicada e detentora de fortes vontades, ainda dentro da sua juventude – onze, doze anos – traçou aquele que viria a ser o seu percurso académico: abraçar a carreira médica.

Mas é através do dizer da Professora Maria Luísa Figueira que vamos aos detalhes: «Era de facto uma aluna interessada, mas também temos que recordar que naquela época não se estudava da mesma forma que hoje. Os programas eram, talvez, mais rígidos, melhor estruturados e também a relação aluno/professor era muito mais próxima, isto considerando que estamos a falar de uma cidade relativamente pequena, mas muito embora de um Liceu com bastantes alunos. Mas seja como for, era tudo completamente diferente dos dias de hoje. O próprio clima estudantil não era tão conflitual, tão violento. Convivia-se amenamente entre colegas e estabeleciam-se boas relações com os professores, todavia, compreendo que na altura não havia a competitividade dos dias de hoje. Os tempos eram realmente outros».

O fascínio pela natureza humana foi “responsável” pelo abraço à Medicina

Com o curso do liceu concluído, o que aconteceu aos dezassete anos da ainda menina Maria Luísa, esperava-a a travessia do imenso Oceano Atlântico.

Galgadas as muitas milhas dos mares já dantes navegados, de imediato foram transpostas as portas da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

Dispensada do então existente exame de ingresso à Faculdade, foi com palavras simples mas repletas de substância que a Professora Doutora Maria Luísa Figueira expressou a sua opção pelo Curso de Medicina: «Cursei Medicina por expressa vontade própria, ou seja, não o fiz por qualquer tipo de influência, nomeadamente familiar, até porque na família não existiam médicos. O meu pai era um Homem com um perfil muito peculiar. Advogado de profissão e um republicano de espírito aberto, defendia – e estamos a falar dos anos cinquenta – acerrimamente todos os valores da solidariedade. A minha mãe, uma Senhora inglesa nascida em Gibraltar, era uma pessoa com uma cultura extremamente liberal, isto para lhe dizer que em momento algum ouvi uma palavra de desagrado por parte dos meus pais quando lhes manifestei a minha vontade de deixar o Funchal para ir estudar Medicina para Lisboa. Apesar de à época ser um Curso mais frequentado por rapazes, haviam muito poucas raparigas, desde o primeiro instante que senti todo o apoio familiar para trilhar o caminho que tinha escolhido. Mas conforme lhe disse, talvez com onze, doze anos tinha decidido que “quando fosse grande” (risos) queria ser médica, mas esse desejo



é muito frequente nas crianças. No meu caso persistiu para além da infância. Penso que na raiz da minha opção pela ciência médica esteve o fascínio pelo espírito humanista e de inter-ajuda que encerra a Medicina. Por outro lado, e ainda no liceu, sempre senti uma atracção enorme pela área da Biologia. Sempre me fascinou o contacto com a natureza, e basicamente o contacto com a natureza humana, pelo que não peço se lhe disser que foi essa a motivação que me trouxe para a Medicina».

Momentos apelativos, não momentos de paixão

Sem régua, sem esquadro, sem notas prévias e sem coordenadas, a conversa decorria tão simplesmente pautada pela essência da afabilidade.

Aquela pausada e serena afabilidade que a Professora Doutora Maria Luísa Figueira empresta ao seu “estar”.

Um “estar” confortável e contagiantemente confortante para quem também está. E nós estávamos.

E do âmago do nosso conforto, as questões nasciam confortavelmente.

Nasciam com todo o aconchego aqui expresso nesta questão avulsa: Senhora Professora, não é difícil imaginar as muitas paixões que ao longo do Curso de Medicina se atravessam na vida de cada aluno. Paixões trazidas pelo encanto das

ciências que estudam as várias especialidades médicas. Por pensarmos que assim seja, suscita-nos perguntar à Senhora o porquê de ter enveredado pela especialidade de Psiquiatria. Será que foi uma das paixões com que se cruzou ao longo do Curso? A Professora, sempre muito atenta às suas próprias palavras, espelhou na resposta a magnanimidade do seu sentimento: «Realmente ao longo do Curso confrontei-me com muitos momentos em que senti, não paixão, mas antes o apelo de algumas áreas da Medicina. Como por exemplo? Posso referir-lhe por exemplo a Endocrinologia. E a Endocrinologia por ser uma área com grande lógica interna em termos dos mecanismos da doença e com uma vertente racional que me atraía bastante. Depois, quando fiz Medicina Interna voltei a sentir um novo apelo. A Medicina Interna oferecia-nos uma visão global da pessoa, e apesar de não ser uma super especialização, permitia-nos ver o homem no seu todo. Quanto à Psiquiatria, para mim ela já estava integrada na própria Medicina Interna. Era uma área onde já encontrávamos a dimensão psicológica; a dimensão da mente; o que me levou a ter “arrastado” a aliciante intelectualidade a que está confinada a Psiquiatria. A Psiquiatria sim, possibilita-nos uma visão muito ampla e abrangente do ser humano. É uma especialidade médica que nos liga de forma muito mais estreita aos aspectos da génese cultural. Não pretendo dizer com isto que para a Medicina em geral não seja importante conhecer a cultura e o homem na sua cultura, assim como a sua posição no mundo. Estes são elementos chave para que consigamos perceber as suas doenças, mas, na Psiquiatria, é de todo imprescindível o conhecimento dos valores do ser humano em todas as vertentes: ética, social, etc. Só com esse conhecimento e com a exploração da dimensão humana poderemos compreender o homem enquanto pessoa doente».

Agora sim, momentos de paixão

Talvez por os momentos de paixão se mostrarem excelsos e imperecíveis no sentimento de cada um de nós, a Professora Maria Luísa Figueira fez uma imperceptível pausa e continuou: «Ao longo de todos os meus anos de estudante, só no sexto ano do liceu tive uma paixão. Uma paixão que ainda hoje persiste. Apaixonei-me profundamente pela Filosofia. Apesar de já estar no sexto ano e na área de Ciências, ainda hesitei se devia ou não voltar para trás. Como recuar seria perder pelo menos um ano e como também entendo que a Filosofia não é uma forma de se exercer uma profissão, continuei. E nesse continuar encontrei-me de novo com a dimensão filosófica que à data se estudava na Psiquiatria ministrada pelo Professor



Barahona Fernandes. A Psiquiatria de hoje é mais pragmática, mais próxima das outras áreas da Medicina, enquanto que no meu tempo estudávamos uma Psiquiatria muito mais imbuída em modelos filosóficos. Isto para lhe dizer que um dos aspectos que também me atraiu na Psiquiatria foi exactamente a componente filosófica que encerra esta Ciência Médica».

Um percurso com datas

Com o Curso de Medicina concluído no ano de 1969 e a década de 70 já a espreitar, depressa chegou o ano de 1973, e com ele o convite remetido pelo Professor Doutor Barahona Fernandes endereçado à então Dra. Maria Luísa Figueira, para Assistente da disciplina de Psicologia na Faculdade de Medicina de Lisboa.

Foi o princípio da brilhante carreira de docência da Professora Doutora Maria Luísa Figueira, actualmente com o cargo de Regente da Disciplina de Psiquiatria II da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

Como as folhas do calendário voam a cada sopro, não foram necessários muitos sopros para que fosse chegado o ano de 1984.

Com a defesa da sua tese intitulada “Relações Interpessoais na Esquizofrenia”, em 1984 foram impostas as insígnias de Doutora a Maria Luísa Figueira.



E porque estamos no registo de datas, ou melhor, porque estamos a assinalar os anos de um passado recente que marcaram todo um percurso ainda longe do fim, cabe agora referir que com a jubilação do Professor Doutor Simões da Fonseca – então Director do Serviço de Psiquiatria do Hospital de Santa Maria – o que se verificou no mês de Novembro de 2002, a Professora Doutora Maria Luísa Figueira foi convidada para Coordenadora do Serviço, vindo posteriormente a ocupar o cargo que mantém: Directora do Serviço.

“Todo o tempo que investi nos meus trabalhos de investigação foi gratificadamente investido”

No decurso desta enriquecedora entrevista, um trabalho que consideramos de eleição e a inscrever nos anais da nossa já “gasta” carreira de jornalista, ficámos a saber que por opção própria desta médica psiquiatra, a dado momento do seu percurso resolveu abandonar a carreira hospitalar para se dedicar inteiramente à docência, no entanto, essa opção não invalidou que a Professora continuasse a trabalhar no Hospital de Santa Maria nos mesmos moldes como se estivesse integrada na carreira hospitalar, bem como não invalidou que se prestasse a fazer todos os concursos de provas públicas até ao grau de Chefe de Serviço.

As motivações desta opção foram-nos assim explicadas pela Professora Maria Luísa Figueira: «Sempre gostei muito de ensinar, mas também sempre gostei muito de investigar, o que me leva a pensar que a minha entrada na Faculdade se prendeu mais com a área científica do que propriamente com a pedagógica. Na altura em que tomei essa decisão não tinha ainda dado provas nenhuma da minha capacidade de saber ensinar, mas por outro lado, e ainda muito antes de ter assumido funções de Assistente, já trabalhava intensamente em investigação na área da Psiquiatria Clínica. Aliás, por essa época fiz vários cursos de pós-graduação nas áreas da Matemática e da Informática na Fundação Gulbenkian, em Oeiras». E acrescentou: «Foi a partir dos meus trabalhos de investigação, até porque me foi concedida a possibilidade de começar a publicar muito cedo, que surgiu o convite para o meu percurso académico, no entanto, e conforme lhe disse, como o meu interesse pela investigação sempre foi muito grande, aliava o ensino com a investigação».

À nossa pergunta se tem encontrado meios e condições para investigar em Portugal, a Professora foi peremptória na resposta: «Sempre encontrei meios, condições e apoios para desenvolver a minha investigação em Portugal. Agora, se me perguntar se podemos estabelecer paralelos com alguns hospitais universitários estrangeiros, aí naturalmente terei que lhe dizer que nalguns casos não há paralelo possível, todavia, continuo a afirmar-lhe que todo o tempo que investi nos meus trabalhos de investigação foi gratificadamente investido».

“O professor ideal é aquele que ensina o que faz na sua prática clínica mas também aquilo que investiga”

Senhora Professora, permita-nos agora recorrer da virtualidade das palavras e utilizar o tão embaraçante “e se...”, para lhe perguntarmos: se por força de qualquer razão fosse obrigada a deixar uma das carreiras, qual delas deixaria? A docente ou a clínica? Acompanhada de sónicos risos, a resposta chegou-nos pronta: «Nem me fale de uma coisa dessas. Teria um desgosto enorme. Não concebo a docência sem a clínica, tanto mais que ensino clínica».

Com o nosso brincar de palavras instalaram-se momentos em que só ecoavam sonoros risos. Até o nosso colega dos “bonecos” (leia-se fotógrafo) silenciou as “flaschadas” para participar na boa-disposição. Só as plantas vestidas de verde, talvez por serem verdes, continuavam estáticas e silenciosas. Nem um único sorriso. Restabelecida a “ordem”, continuámos: Senhora Professora, podemos então inferir que o contacto com o doente também é uma mais-valia para o docente? «Não, não é só o contacto com o doente, é aquilo que se aprende do contacto com o doente. É a



aprendizagem que a clínica nos vai fornecendo. A clínica é uma fonte inestimável de recolha de informações, e é através desse conhecimento que também nós vamos aprendendo para depois podermos ensinar. Mas conforme vamos beber o saber à prática clínica, o mesmo acontece com a investigação clínica. Os meus ensinamentos assentam muito na investigação que vou desenvolvendo e não apenas naquilo que leio nos livros ou no que vou aprendendo na prática clínica. Aliás, eu sou de opinião que o professor ideal é aquele que ensina aquilo que faz na sua prática clínica mas também aquilo que investiga. Um professor de clínica tem que ser necessariamente um construtor de saber, não pode ser apenas um reproduzidor. Portanto, quando me perguntou que opção tomaria se fosse confrontada com a obrigatoriedade de ter que deixar uma das carreiras, a académica ou a clínica, essa é uma daquelas situações de todo impensáveis. São carreiras que se complementam e por isso indissociáveis para um docente».

“O psiquiatra tem que criar um espaço asséptico entre si e o doente”

Indiferentes ao rodar impiedoso dos ponteiros do relógio, continuávamos acomodados no seio desta cintilante conversa.



A força do nosso querer saber para melhor podermos informar, ia vencendo a força do próprio tempo.

E enquanto vencedores continuámos em discurso directo: Senhora Professora, permita-nos de novo uma intromissão pessoal que chega em forma de pergunta mas inteiramente arrastada pelo nosso sentir: a Senhora, na nossa modesta opinião, mas é a nossa, é especialista numa das áreas nobres da Medicina, a Psiquiatria.

Perguntamos-lhe: a Senhora, enquanto médica psiquiatra, sente dentro de si o que o doente que aqui se senta lhe transmite? E chega a haver algum envolvimento emocional? «O que o doente me transmite tem que fazer algum eco dentro de mim. Há de facto uma ressonância emocional, mas não há envolvimento emocional! Não pode haver! Mas apesar de não poder haver, há momentos – e isso acontece com os doentes que tratamos há muitos anos – em que por vezes partilhamos algumas experiências com os doentes, mas sempre dentro dos limites éticos. Também lhe posso adiantar que muitas vezes há um conhecimento um bocadinho para além do conhecimento da consulta, mas nunca pode ser muito para além. Eu defendo que o psiquiatra nunca, mas mesmo nunca, se pode envolver emocionalmente com o doente. Nas minhas aulas costumo utilizar aquela metáfora muito simples que nos diz “se vires alguém afogar-se não te vás afogar também”. E a Professora sustentou: «O psiquiatra tem que conseguir fazer o movimento de aproximação e

simultaneamente o de afastamento. Ou seja, aproxima-se para compreender e criar empatia com o doente, mas distancia-se emocionalmente para compreender racionalmente as causas da patologia. O psiquiatra tem que criar um espaço asséptico entre si e o doente. Perante o olhar do doente, o psiquiatra tem que se mostrar sólido para o ajudar; não pode oscilar quando ele oscila, e não se pode perturbar quando ele se perturba. Só nestas condições podemos realmente ajudar quem nos procura».

Foi no final dos anos 50 que mudou radicalmente a face da Psiquiatria

Com o timbre da verticalidade aposto nesta “aula” ministrada pela Professora Doutora Maria Luísa Figueira, faltava-nos ainda uma derradeira pergunta para que sentíssemos o fim da “lição”. Fizemo-la: Senhora Professora, quando há uns anos atrás assistimos à chamada “terapia de porta aberta”, os Hospitais Psiquiátricos abriram as portas e os doentes deambulavam perdidos pelas ruas. Essa medida representou evolução na ciência médica psiquiátrica? «Não, essa medida representou a evolução da ideologia psiquiátrica». Quer explicar melhor? «Foi a representação dos modelos ideológicos relativamente à Psiquiatria. A Psiquiatria passou por uma longa fase asilar por não existirem tratamentos, e por isso não havia outra alternativa senão confinar os doentes a um espaço relativamente seguro para eles. Essa segurança, em determinada época do passado, foi também considerada como protecção para a sociedade, muito embora sempre tivesse existido segurança não só para a sociedade, como para os próprios doentes. Sem tratamentos, os médicos psiquiatras limitavam-se a observar o comportamento dos doentes e a escreverem aqueles grandes tratados que muitos deles datam do século XIX. Como é natural, com a passagem dos tempos foram introduzidas novas terapias. O Professor Barahona Fernandes, por exemplo, enquanto Director do Hospital Júlio de Matos foi pioneiro em fazer tratamentos através da jardinagem. Ele próprio jardinava ao lado dos doentes. Os doentes eram seres humanos, logo tinham que ser tratados como tal, só que não existiam tratamentos para eles. Com a chegada da década de sessenta, ou talvez ainda no final dos anos cinquenta, o advento da psicofarmacologia veio mudar radicalmente a face da Psiquiatria. Muitos doentes puderam sair do internamento para serem tratados no ambulatório; melhoraram-se significativamente os sintomas das doenças e assim se foi oferecendo melhor qualidade de vida aos doentes. Com todos os avanços que a Psiquiatria tem conhecido, e têm sido realmente estrondosos, os asilos psiquiátricos foram

naturalmente desaparecendo por razões óbvias e muito especialmente porque hoje tudo caminha no sentido da humanização e da integração social do doente».

Depois de uma bela perdiz, um bom espectáculo de ópera

Lá fora, o espaço celeste já estava ornamentado pelos milhares de estrelinhas que a cada Pôr-do-Sol se acomodam no Infinito.

Havia tempo que a noite tinha pintado as ruas de Lisboa.

Era chegado o momento de terminarmos esta documentativa conversa com a Professora Doutora Maria Luísa Figueira.

Foi uma conversa onde brilharam Palavras com Saber e com Sabor.

E terminamos com duas curiosidades: dentro da gastronomia, o prato de eleição da Senhora Professora é a caça, e dentro das várias espécies, a perdiz, desde que bem confeccionada, é uma perfeita tentação.

Depois de um jantar composto por uma bela peça de perdiz e com um fundo musical tão perfeccionista como o Wagneriano, a Senhora Professora só pede que lhe proporcionem uma divinal Ópera.

